

TEMPO E HISTÓRIA: O QUE DIZEM OS JOVENS DO CAMPO E DA CIDADE

ASTROGILDO FERNANDES DA SILVA JÚNIOR*

Introdução

Para Novaes (2011), a juventude é o espelho retrovisor da sociedade. Em cada tempo e lugar, fatores históricos, estruturais e conjunturais determinam as vulnerabilidades e as potencialidades das juventudes, o que quer dizer que podemos compreender a juventude considerando o tempo e o espaço em que vivem. Partimos da hipótese de que os jovens olham para o passado e projetam o futuro a partir da realidade em que vivem, ou seja, o presente é o espelho no qual se percebe o passado e imagina futuros.

Neste texto, procuramos entender como os jovens se relacionam com o tempo, especificamente, buscamos respostas para os seguintes questionamos: O que pensam sobre a História? Qual a relação dos jovens com o tempo? O que dizem sobre o ensino de História?

Com intuito de buscar respostas sobre essas questões, debruçamo-nos, inicialmente, em um estudo de várias obras e autores que dedicaram suas pesquisas para compreender as diversidades e singularidades da juventude. Analisamos os resultados de uma investigação, desenvolvida por nós, nos anos 2010-2011, com 130 jovens estudantes do nono ano do ensino fundamental de escolas localizadas no meio rural e urbano dos municípios de Araguari, Uberlândia e Patos de Minas, Minas Gerais, Brasil.

A metodologia da pesquisa consistiu na observação participante do cotidiano escolar, das relações dos jovens, da participação das festas, especificadamente, de aulas de História, do último ano do ensino fundamental; nas entrevistas com professores, gestores das escolas e jovens, e na aplicação de um questionário respondido pelos 130 jovens estudantes, homens e mulheres, de diferentes turmas. Esse instrumento teve como objetivo capturar o perfil, o pensamento, as ideias e caracterizar a diversidade dos sujeitos (jovens estudantes). Para sistematizar os dados, utilizamos o programa *Statistical Package for Social Sciences – SPSS*, que proporcionou um tratamento estatístico dos dados.

Além do questionário, realizamos, posteriormente, entrevistas orais com seis jovens estudantes das escolas localizadas no campo e na cidade. Optamos por identificá-los por meio

*Professor do Curso de História da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia – FACIP?

de pseudônimos escolhidos pelos próprios jovens colaboradores: Natacha, Fernando e Wesley, jovens do campo, e Iasmin, Emanuel e Felipe, jovens da cidade.

Portanto, este texto apresenta a análise, e as reflexões de resultados dessa pesquisa acerca das trajetórias de jovens que vivem no interior no Brasil. É fruto de um encontro de trajetórias de professores/pesquisadores e jovens estudantes.

Por que estudar História?

Fizemos esta pergunta na entrevista realizada com os jovens do campo e da cidade. Os jovens mostraram-se simpáticos ao estudo da História. Vejamos o que nos disseram:

Eu gosto muito de estudar História. Eu não sei muito o porquê, mas sei que me interessa. Como eu já falei, eu gosto de saber sobre o passado, principalmente sobre as guerras. A Segunda Guerra Mundial me interessa muito (Jovem do campo – Natacha).

Eu gosto de História, eu considero que é importante para conhecer os erros do passado e não cometê-los no presente. Também acho que estudar História ajuda a compreender o presente e pensar em um futuro melhor (Jovem da cidade – Emanuel).

Pelas vozes dos jovens, estudar História tem relação com o tempo. Para Natacha, a História tem um vínculo maior com o passado. Para Emanuel, a História articula os três tempos: presente, passado e futuro.

Um dos objetivos básicos do ensino de História é compreender o tempo vivido de outras épocas e converter o passado em “novos tempos”. A História propõe-se a reconstruir os tempos distantes da experiência do presente e, assim, transformá-los em tempos familiares para nós. De acordo com Pais (1999):

O tempo é o espaço da História – espaço que se estende do passado ao presente e que nos convida a ir ao passado com questões do presente para voltar ao presente com o lastro do que se compreendeu do passado. Só voltando para trás o filme da História é que se torna compreensível o último fotograma: o presente. (p. 26).

Com o propósito de desvendar como os estudantes se relacionavam com o ensino e a aprendizagem de História, perguntamos aos jovens que responderam ao questionário, sobre o

que mais valorizavam no estudo da História. O conhecimento do passado? A compreensão do presente? A orientação para o futuro? Ou as três situações?

Do total de jovens investigados, 58,5% declararam que é, ao mesmo tempo, *conhecimento do passado, do presente e orientação para o futuro*. Os jovens do campo foram os que mais acreditavam na articulação entre os três tempos; 65,0% assinalaram essa opção. Podemos relacionar esse percentual com a prática de alguns professores que atuavam em escolas no meio rural e procuravam utilizar as diferentes linguagens no processo de ensinar e aprender, sempre articulando o presente, o passado e o futuro.

Conforme nos ensina Pais (1999), as origens das coisas presentes e futuras encontram-se no passado ou, em outros termos, a melhor maneira de compreender uma realidade é conhecer as suas pegadas, pois a incompreensão do presente e do futuro nasce da ignorância do passado. Na mesma perspectiva, Rusen (2001) afirma que a compreensão do presente e a projeção do futuro somente são possíveis com a recuperação do passado. Daí, a importância do professor investigar como os alunos pensam o passado, pois acreditamos que o passado está presente no aluno de forma prática ou encapsulado.

Nas aulas de História, é necessário que o professor desenvolva a noção de tempo rompendo com a ideia de continuidade e evolução, igual e único para toda a humanidade, e priorize o esforço de perceber a descontinuidade das mudanças. Para Pagès e Santisteban (2008), a compreensão da temporalidade é fundamental para uma educação democrática. Para tanto, destacam elementos como: entender o presente, tomar decisões e pensar o futuro.

Concordamos com os autores Pagès e Santisteban (2008), ao afirmarem que, no ensino de História, devemos conectar o estudo do passado com a prospectiva no futuro. A história estuda a vida de todos os homens e mulheres, com a preocupação de recuperar o sentido de experiências individuais e coletivas.

Ao ensinar História, é oportuno priorizar a construção de problematizações históricas. É interessante conhecer as várias histórias lidas a partir de distintos sujeitos históricos, das histórias silenciadas. Recuperar a vivência pessoal e coletiva dos estudantes. Na escolha dos conteúdos, a proposta é propiciar aos alunos o dimensionamento de si mesmos e de outros indivíduos e grupos em temporalidades históricas.

Os conteúdos devem sensibilizar e fundamentar o entendimento de que os problemas atuais e cotidianos não podem ser explicados unicamente a partir dos acontecimentos restritos ao presente. Requerem questionamentos ao passado, análises e identificação de relações entre

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

vivências sociais no tempo. Para Pagès (2011), aprender história pode ser uma ferramenta útil para o controle do tempo, em particular, para o controle do futuro.

De acordo com Anguera e Santisteban (2012), o estudo do futuro tem como objetivos: descobrir ou inventar, examinar, avaliar e propor futuros possíveis, prováveis ou preferidos. Portanto, a razão principal de sua inclusão no ensino de História é contribuir para o trabalho pelo bem-estar do entorno e da humanidade. Os autores reforçam que uma das finalidades fundamentais do ensino de História é estabelecer relações oportunas entre passado, presente e futuro.

O estudo do futuro dá sentido ao passado e ao presente. O ensino de História pode dotar o estudante de conhecimento e instrumentos necessários para construir o futuro, para pensar que o futuro não está escrito e não é produto de sorte ou azar, e sim que é responsabilidade nossa escrevê-lo desde a participação democrática.

Para Schimidt, Barca e Garcia (2010), a aprendizagem em História deve ser significativa em termos pessoais, e, desse modo, proporcionar aos estudantes uma compreensão mais profunda da vida humana. Aprender, em História, é uma construção em torno daquilo que o professor e o estudante trazem para a sala de aula e dos significados que trocam acerca do conteúdo da disciplina.

Inquirimos os jovens estudantes sobre o significado da disciplina, percebemos que a maioria deles, tanto do campo, quanto da cidade, possuía representações positivas da História. Em relação aos jovens do campo, destacou-se a afirmação que a História é uma fonte de aventura que estimula a imaginação (24,7%), e, para os jovens da cidade, mostra o que está por detrás dos modos de vida do presente (41,5%).

Ponderamos que a História, ao ser ensinada e apreendida, pode também ser fonte de prazer. Isso não quer dizer que o ensino de História deva ser apenas, ou, principalmente, uma arte de sedução. Mas, provavelmente, deve começar desse modo, quando o objetivo é seduzir os jovens estudantes para o campo da História. Concordamos com Pais (1999), ao argumentar que a cientificidade da História não impossibilita que esta se arme com estratégias de sedução.

Interrogamos aos jovens estudantes *quais os temas mais interessavam na História*: As opções eram as seguintes: História Antiga, Idade Média, Revoluções Burguesas, História do Brasil ou nenhuma das alternativas. 38,9% dos jovens do campo pesquisados responderam que preferem estudar temas relacionados à História Antiga; 46,2% dos jovens da cidade responderam que preferem estudar História do Brasil

Segundo Pinsky e Pinsky (2004), o professor precisa, necessariamente, ter um conhecimento sólido do patrimônio cultural da humanidade, ou seja, dominar diversos conteúdos, apreender as bases da nossa cultura. Porém isso não terá nenhum valor operacional se não conhecer o universo sociocultural específico dos alunos. A partir desses dois universos, o professor realiza seu trabalho em linguagem acessível. Quanto à preferência dos jovens do campo pela História Antiga, pode ser um caminho para refletir sobre outras temáticas, pois, como nos ensina Funari (2004), a História Antiga pode ser muito útil para a vida do futuro cidadão, e existem muitas estratégias à disposição do professor para que proporcione aulas agradáveis. Nesse sentido o autor sugere a relação entre a antiguidade e o mundo contemporâneo em que vivemos como possibilidade analítica.

Ao longo das observações nas aulas de História, constatamos que os professores, apresentavam os conteúdos das mais variadas formas. Alguns priorizavam o livro didático, outros se utilizavam de recursos tecnológicos como o computador, trabalhos em grupos, trabalhos individuais. Questionamos aos jovens estudantes: *que tipo de fontes históricas mais lhes agradam?* Os estudantes poderiam escolher até três fontes que mais lhes agradavam. Houve aproximações nas escolhas dos jovens do campo com os jovens da cidade. As três fontes mais citadas foram: museus, filmes de ficção e documentos. Questionamos sobre as fontes em que mais confiam. Museus e documentos, que foram destacados como fontes de maior agrado, mantiveram-se como fontes em que os jovens confiam. Houve um crescimento significativo em relação às narrativas de professores e livros didáticos, que, apesar de não serem as fontes que mais agradam, são as que mais inspiram confiança. A ênfase dada aos museus, como principal instrumento de aprendizagem e que inspira confiança, pode ser compreendida pelo desejo de conhecer um museu, pois os colaboradores constroem uma representação positiva desse espaço como lugar da história. Os filmes de ficção constituem um dos instrumentos favoritos de aprendizagem da História. No entanto, isso não se traduz em confiança. Pais (1999), advoga que a organização futura do ensino de História, bem como de outras disciplinas, deveria contemplar o valor pedagógico do instrumento televisivo ou audiovisual.

Dessa forma, podemos identificar a importância do livro didático e dos professores no processo de ensinar e aprender História. São duas fontes, nas realidades investigadas, essenciais, que podem auxiliar os jovens estudantes na compreensão do tempo.

Do presente para o passado – significados e narrativas

Com o intuito de registrar o olhar dos jovens sobre alguns aspectos da sociedade e como relacionam o passado com o presente, indagamos: *Algumas pessoas no Brasil são ricas e muitas são pobres. Algumas possuem muitas terras e muitas não possuem terras. Na sua visão, por que há pessoas mais ricas que as outras?* Nas possíveis razões da riqueza, sugerimos alternativas que pudessem se relacionar com fatores biográficos: *porque trabalharam bastante; porque herdaram riquezas e dinheiro; porque fomentaram a inovação e/ou correram riscos; porque foram egoístas e imorais;* ou fatores externos: *porque tiveram sorte; porque beneficiaram de um sistema econômico injusto.*

Observamos que a maior parte dos jovens do campo, 41,9%, atribuiu a razão de riquezas a um fator biográfico: *porque herdaram riquezas e dinheiro.* São sinais de que os jovens do campo possuíam uma forte consciência do peso das transmissões patrimoniais. Já para os jovens da cidade, houve diferentes respostas, sendo que a maior parte deles, 28,1% afirmaram que alguns são mais ricos porque trabalharam bastante.

Questionamos sobre quem deveria pagar pelos danos causados às nações indígenas, exploradas ao longo da história do Brasil. As possibilidades de respostas permitem-nos distinguir diferentes responsabilidades: responsabilidade de cada estado: *os governos estaduais;* responsabilidade do país: *o governo federal brasileiro;* o país colonizador: *os portugueses;* os países mais ricos: *dividir a dívida entre os países mais ricos do mundo.* Para a generalidade dos jovens investigados, desenhou-se um amplo consenso: se as nações indígenas, outrora exploradas, reclamassem por indenizações pelos danos, quem deveria pagar eram *os portugueses.* É um dado que oferece pistas para compreendermos que, em função do passado do processo de colonização do Brasil pelos portugueses, do qual resultou a dizimação de milhares de nações indígenas, é que os jovens estudantes mobilizaram sua consciência histórica.

Conforme Pais (1999) nos ensina, “o passado é uma tela sobre a qual o presente projecta a sua visão” (p.125), podemos afirmar que a consciência histórica pode transformar-se, o que demonstra que a História é um permanente processo de (re)interpretação do passado.

Ainda com o objetivo de refletir sobre como o jovem do presente olha para o passado, perguntamos: *Imagine que a população negra, descendentes dos negros que foram escravizados ao longo da história do Brasil reclamassem indenizações pelos danos em um*

tribunal mundial. Quem deveria pagar? A maior parte dos jovens estudantes ficou dividida entre responsabilizar *os portugueses* ou *dividir a dívida entre os países mais ricos do mundo*. Diferente da questão dos índios, em que os estudantes responsabilizaram, principalmente, os portugueses, talvez porque os próprios livros didáticos e as aulas de história possibilitam essa relação direta entre colônia (Brasil) e metrópole (Portugal), a maior parte dos jovens estudantes consideravam mais justos que os portugueses fossem responsabilizados. No caso da população negra, houve uma divisão de responsabilidades, talvez pelo fato de que, quando se estuda, nas aulas de História, sobre a escravidão, existe um número maior de países envolvidos.

A aprendizagem da História e as práticas pedagógicas do ensino de História são constitutivas da memória histórica dos professores de História e dos jovens estudantes. Os jovens interpretam o passado pelas marcas do presente. E o futuro? O que os jovens pensam sobre o futuro? É sobre isso que trataremos no próximo tópico.

E o futuro? Presentes futuros, futuros presentes

Uma característica dos jovens estudantes, do campo e da cidade, sinalizada nas narrativas dos professores e gestores, tanto das escolas urbanas quanto das escolas rurais, é a relação com as diferentes temporalidades, a supervalorização do presente em detrimento do passado, bem como a pouca preocupação com o futuro. Essa visão se aproxima dos resultados da pesquisa de Pais (2006). O autor identificou que, entre alguns jovens, surge uma forte orientação em relação ao presente, pois o futuro fracassa em oferecer possibilidades de concretização de suas aspirações. O futuro encontra-se relativamente ausente, o importante é viver o dia a dia.

Para dialogar com essas narrativas, procuramos ouvir dos jovens colaboradores o que pensam em relação ao passado, ao futuro e ao presente. Sugerimos algumas frases para a reflexão dos jovens. Quando instigados a se posicionar sobre a frase: *Quando penso no futuro vejo mais riscos que possibilidades*, 67,3% dos jovens do campo concordaram com a afirmação, e 56,3% dos jovens da cidade, também concordaram que, ao pensar no futuro, percebem mais riscos do que possibilidades.

Para a maioria dos jovens, o futuro é algo incerto. Os jovens do campo foram o que mais apresentaram preocupação, descrença e pessimismo em relação ao futuro. Pedimos que

expressassem suas opiniões sobre a seguinte frase: *Quando penso no futuro, tenho mais dúvidas do que certezas*, 94,4% dos jovens do campo e 90,5% dos jovens da cidade concordaram com a frase. O que indica o medo em relação ao futuro.

Essa relação de dúvidas ante o futuro vai se confirmando com maior intensidade entre os jovens do campo. Sobre a frase: *Experiências interessantes no presente são mais importantes que me preocupar com o futuro*, 38,0% dos jovens do campo e 36,0% dos jovens da cidade discordaram da afirmação. Não é a maioria, mas isto representa um número significativo de jovens que se preocupa com o futuro. Apresentamos a frase: *Para sair bem, é melhor se arriscar do que ser cuidadoso*. 59,9% dos jovens do campo e 67,5% dos jovens da cidade concordaram com a frase.

Podemos perceber que a maior parte dos jovens colaboradores da investigação apresenta um espírito aventureiro, principalmente os jovens da cidade. Apresentamos a frase: *Não adianta fazer projetos porque o que acontece depende mais da sorte que de esforço*. 74,8% dos jovens do campo e 69,0% dos jovens da cidade discordaram da afirmação.

As respostas indicaram que os jovens colaboradores se percebem como sujeitos da história, que a história não é resultado de sorte ou azar, mas que depende de nós construirmos um mundo melhor. Para refletirmos mais diretamente sobre o que pensam sobre o passado, pedimos suas opiniões sobre a frase: *O passado é cheio de lembranças ruins que prefiro não lembrar*. 63,0% dos jovens do campo e 55,2% dos jovens da cidade consideraram importante relembrar o passado.

As concepções sobre presente-passado-futuro dos jovens colaboradores da investigação não expuseram diferenças significativas entre os jovens estudantes do campo e da cidade. Revelaram mais aproximações que distanciamentos. São pessimistas em relação ao futuro, percebem mais riscos que possibilidades, possuem mais dúvidas que certezas. Porém não descartam a importância de pensar no futuro e serem cuidadosos com o que fazem no presente para não comprometer seu futuro. São conscientes de suas responsabilidades para conquistarem um futuro melhor e não desconsideram o passado.

A incerteza em relação ao futuro, característica que parece ser comum nessa geração, pode ser amenizada com a ação do Estado, reconhecendo os jovens como atores sociais em sua diversidade, portadores de direitos e deveres, favorecendo a realização das potencialidades dessa geração. Aos professores cabe exercitar o olhar dos jovens para o

futuro, fortemente ancorado no passado e no presente. Assim, é possível fortalecer a consciência política e a responsabilidade social dos jovens estudantes.

De acordo com Le Goff (2003), o interesse no passado está em esclarecer o presente, ou seja, o passado é atingido a partir do presente. Para o autor, a distinção entre passado e presente é um elemento fundamental na concepção do tempo. Para Pais (1999),

O passado é construído a partir de um presente que seleciona o que tem significado histórico – isto é, o que no passado aconteceu para, nalguns casos, produzir o presente. Desse modo, o presente ganha sentido histórico mais tarde, a partir de um olhar retrospectivo que dá sentido (histórico) a esse mesmo presente (feito passado) – sentido relativo, permanentemente posto em causa pelas experiências históricas que modificam o nosso saber e o seu objecto. Nestes termos, o conhecimento histórico reveste sempre a forma de consciência social. (p. 76-77).

Em perspectiva semelhante, Chesneaux (1995) afirma que nosso conhecimento do passado é um elemento ativo do movimento da sociedade, é uma articulação das lutas políticas e ideológicas, “zona asperamente disputada”. Segundo o autor, o passado e o conhecimento histórico podem funcionar a serviço do conservadorismo social ou das lutas populares. Dessa forma, a história se insere na luta de classes, nunca é neutra.

Segundo Pais (1999), fundamentado nos estudos de Fernand Braudel, as representações históricas do tempo fazem referência a vários tempos, durações, ciclos e temporalidades que constituem a espessura da História. Isso quer dizer que “culturas diferentes têm diferentes práticas históricas e diferentes concepções da temporalidade histórica”. (PAIS, 1999, p. 91). Para o autor, as representações do tempo constroem-se em torno do que denomina de ciclicidade e de linearidade.

Pais (1999) reforça que as projeções do tempo, do passado e do futuro, alimentam a consciência histórica. Para Pesavento (2005), as representações do tempo formam uma realidade paralela à existência dos indivíduos, mas fazem os homens viverem por elas e nelas. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora, coesiva e também explicativa do real. Para a autora, representar é estar no lugar de, é presentificação do ausente, é apresentar de novo, recolocar uma ausência e tornar sensível uma presença. Reforça que a representação não é uma cópia do real, mas uma construção feita a partir dele.

Na relação entre os três tempos, Chesnaux (1995) declara que o presente só tem necessidade do passado em relação ao futuro. Para o autor,

[...] não se trata apenas de melhor “viver o presente” como se contentava Lucien Febvre, mas de mudá-lo (ou defendê-lo). A memória coletiva e o apelo à história desempenharam o papel de última instância em relação ao futuro. A relação dialética entre passado e futuro, elemento, ao mesmo tempo, de continuidade e ruptura, de coesão e de luta, é a própria trama histórica. (p. 24).

Analisamos as representações de passado, por meio de uma memória histórica e de futuro, ou seja, a expectativa dos jovens do campo e da cidade. Questionamos como era a vida no Brasil e na sua região há 50 anos, em seguida, como será a vida no Brasil, na sua região, daqui a 50 anos.

Como indicadores das distintas épocas, escolhemos algumas de sentido positivo: *pacífica; próspera e rica; democrática* e sentido negativo: *superpovoada; marcada pela desigualdade; marcada por conflitos étnicos e religiosos; agitada por conflitos entre ricos e pobres*. De acordo com Pais (1999), as representações da História e da consciência histórica modelam o futuro próximo. “O possível é deduzível dos campos de experiência” (PAIS, 1999, p. 113).

Buscamos conhecer como os jovens estudantes, sujeitos da investigação pensavam como era a vida no Brasil, há 50 anos. Na avaliação interpretativa dos jovens da cidade, prevaleceu o maior percentual dos indicadores positivos, 51,4%, com destaque aos termos *próspera e rica*, com 26,9% da escolha. Para 57,1% dos jovens do campo, predominaram os aspectos negativos, com maior evidência, 30,2% para o termo, *marcada pela desigualdade*. Essa representação na consciência histórica dos jovens estudantes, por um lado, pode ser explicada pela história do Brasil *colonização, escravidão, ditaduras*. Por outro lado, se o passado é uma reconstrução, os jovens constroem a partir do presente (Pais, 1999). Dessa forma, podemos entender a tabela 7 como resultado da vida presente dos jovens estudantes, pelo que aprendem com os mais velhos, na escola, etc., ou seja, pelo que abstraem da realidade vivida.

No que se refere ao futuro, de acordo com Pais (1999), esse é projetado a partir do presente. Questionamos como pensam que será a vida no Brasil daqui a 50 anos.

Tanto nas respostas dos jovens do campo, quanto da cidade, ficaram mais nítidos os indicadores de sentido negativo. Em relação aos jovens do campo, o destaque foi para o termo *superpovoada* (41,8%); e para os jovens da cidade *marcada pela desigualdade* (26,5%).

Considerando os mesmos indicadores, perguntamos aos jovens: *Como você pensa que era a vida na sua região há 50 anos?* A maior parte dos jovens do campo, 50,4%, e dos jovens da cidade, 30,6%, tinha uma representação positiva sobre o passado da região, consideravam-na pacífica. Na mesma perspectiva, interrogamos aos jovens estudantes: “Como você pensa que será a vida na sua região daqui a 50 anos?” Entre todos os jovens, a maior percentagem registrada foi na opção *superpovoada*, que foi assinalada por 43,3% dos jovens do campo e 38,9% dos jovens da cidade.

Evidenciamos mudanças em como os estudantes percebem a sua região no passado e no futuro. Os dados sugerem que a representação do passado como uma região “pacífica” pode ter uma relação com a história dos três municípios, que, em comum, têm uma tradição agrária, características das cidades interioranas, e que são fortemente retratadas nas vozes dos habitantes mais antigos, por meio da expressão: “no meu tempo....” As alterações, tais como o aumento da população, o ritmo de vida mais acelerado que o desenvolvimento das tecnologias, dentre outras que fazem parte do presente dos jovens estudantes, podem ser consideradas motivos que justifiquem o que pensam sobre o futuro da região: uma região “superpovoada”.

Interessava-nos ver como os jovens estudantes imaginariam suas vidas daqui a 50 anos. A certeza que se desenhou como mais consensual é a que se relaciona com a família, pois 43,8% do total dos jovens investigados assinalaram: *terei uma família feliz e harmoniosa*. Logo a seguir, destacou-se também a convicção forte que terão um trabalho em que se sentirão realizados, pois 37,9% optaram por essa alternativa. Chama-nos a atenção o desinteresse em permanecer trabalhando e vivendo no meio rural, pois apenas 1,5% dos jovens que viviam no meio rural ressaltaram o interesse em ali permanecer.

Para Anguera e Santisteban (2012), o futuro da humanidade leva em conta a história conhecida, geralmente, os jovens consideram que tudo irá se repetir, que a história é cíclica. Quando refletem sobre o futuro pessoal, isso se manifesta de forma contrária, o futuro é tempo de transformação e, quase sempre, para melhor. Essa afirmação corrobora os dados de nossa investigação. Os jovens estudantes apresentaram diferenças no momento de pensar o futuro pessoal e o futuro do país da região. Quando o indivíduo pensa o futuro, sempre recebe

influência de agentes exteriores, sejam os acontecimentos da atualidade do mundo os conhecimentos da escolarização ou a educação familiar. Como nos ensina Pais (1999), o passado e o futuro são construídos e reconstruídos a partir do presente.

Considerações finais

Antes de retomarmos os questionamentos iniciais destacados na introdução deste texto, consideramos relevante registrar nosso primeiro aprendizado sobre os jovens estudantes: são atores sociais plurais, caracterizados pelas diferenças sociais e pela diversidade cultural, que produzem impactos nos modos como vivem a condição juvenil e atribuem sentidos e significados ao mundo. Como afirma Dayrell (2007), não podemos esquecer o óbvio: eles são jovens, amam, sofrem, divertem-se, pensam a respeito das suas condições e de suas experiências de vida, posicionam-se diante delas, possuem desejos e propostas de melhorias de vida.

Ao serem questionados sobre o que pensam sobre a História, tanto os jovens do campo quanto da cidade ressaltaram sua relevância na articulação entre os diferentes tempos. Confirmaram a importância do tempo como um dos pilares do conhecimento histórico. Pensar historicamente supõe a capacidade de identificar e explicar permanências entre passado, presente e futuro.

Ao refletirmos sobre a relação dos jovens com o tempo, verificamos que, para a maioria dos jovens, o futuro é algo incerto, muitos reforçaram o medo e as dúvidas. Porém não descartaram a necessidade de pensar o futuro e serem cuidadosos com o que fazem no presente para não comprometer o futuro. Evidenciaram sinais de que são conscientes de suas responsabilidades para conquistarem um futuro melhor e não desconsideraram o passado.

Quanto ao ensino de História, a maioria dos jovens revelou ter uma visão positiva, interessam-se em aprender História, consideram relevantes os usos de diferentes linguagens, embora destacassem que confiam no livro didático e nas narrativas dos professores. Julgamos basilar a contribuição da História na formação dos jovens estudantes, pois, como disciplina formativa, não só pode auxiliar no entendimento da própria realidade e na formação das identidades, mas também na compreensão da diferença, da alteridade – tanto para ensinar a convivência nas sociedades, que hoje são, na maioria, multiculturais, quanto para ensinar a julgar o próprio sistema político e social em que se vive. Como nos ensina Rusen (2007), a

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

tarifa proposta para o ensino de História não se limita à formação de identidades, mas também ao de desenvolver o pensamento crítico.

Referências

ANGUERA, Carles; SANTISTEBAN, Antoni. El concepto de futuro en la enseñanza de las ciencias sociales y su influencia na participação democrática. In: FERNÁNDEZ, Nicolas de Alba; PÉREZ, Francisco F. García; SANTISTEBAN, Antoni. (Editores). **Educar para la participación ciudadana en la enseñanza de las ciencias sociales**. Sevilla: Díada Editora, S.L., 2012.

BRAUDEL, Fernand. Escritos sobre a História. 2ª Ed. São Paulo: Perspectivas, 1992.

CERRI, Luis Fernando. Os conceitos de consciência histórica e os desafios da didática da História. **Revista da História Regional** 6(2). p. 93-112, 2001.

CHESNEAUX, Jean. **Devemos fazer tabula rasa do passado?** São Paulo: Ática, 1995.

FUNARI, Pedro Paulo. A Renovação da História Antiga. In: KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão [et al.]. 5ª ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

NOVAES, Regina. **Juventude e sociedade: jogos de espelhos**. Sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas. <http://www.antropologia.com.br/>, 2011.

PAGÈS, Joan. Educación, ciudadanía y enseñanza de la Historia. In: GUIMARÃES, Selva; GATTI JÚNIOR, Décio (Orgs.). **Perspectiva do Ensino de História: ensino, cidadania e consciência histórica**. Uberlândia: Edufu, 2011.

_____. Ciudadanía y enseñanza de la historia. **Reseñas de Enseñanza de la Historia**. Argentina, n. 1, octubre, 2003.

_____; SANTISTEBAN, Antoni Fernández. Cambios y continuidades: aprender la temporalidad histórica. In: JARA, M. A. (Coord.): **Enseñanza de la Historia**. Debates y Propuestas. EDUCO Editorial de la Universidad nacional del Comahue (Argentina), 91-127, 2008.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel, EUGENIO, Fernanda (Orgs.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2006.

_____. **Consciência Histórica e Identidades: os jovens portugueses num contexto europeu**. Oeiras: Celta Editora Lda, 1999.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. Por uma História prazerosa e consequente. KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2004.

RUSEN, Jorn. **História Viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2007.

_____. **Razão histórica – teoria da história: fundamentos da ciência história**. Brasília: Editora Universidade. Brasília: Editora Universidade Brasília, 2001.

SANTISTEBAN, Antoni Fernández; PAGÈS, Joan. La educación democrática de la ciudadanía: una propuesta conceptual. In: AVILA, R.M.; LOPEZ, M.; FERNÁNDEZ, E. (Eds.). **Las competencias profesionales para la enseñanza-aprendizaje de las Ciencias Sociales ante el reto europeo y la globalización**. Bilbao: Asociación Universitaria del Profesorado de Didáctica de las Ciencias Sociales, pp. 353-367, 2007.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; GARCIA, Tânia Braga. Significados do pensamento de Jorn Rusen para investigações na área da educação histórica. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Orgs.). **Jorn Rusen e o ensino de História** – Curitiba: Ed. UFPR, 2010.